



Somatória Verbal: um possível instrumento para o analista do comportamento

Laura Adriano Mekdessi¹
Nicolau Chaud de Castro Quinta²

Resumo

O estudo analisa a aplicabilidade da somatória verbal em um contexto clínico, através da comparação dos dados obtidos em atendimentos clínicos com os dados da somatória verbal da participante. A somatória verbal consiste na repetição arbitrária de amostras incompletas da fala, compostas unicamente por vogais, o participante responde a tais sons com as respostas mais fortes do seu repertório. Ao associar a aplicação da somatória verbal com uma entrevista final com a participante, foi possível aumentar a utilidade do instrumento em contexto clínico. Os dados coletados através da aplicação da somatória verbal, não foram dados novos, pois estavam relacionados aos dados coletados através dos atendimentos clínicos previamente realizados. Entretanto a aplicação pode provocar um aumento no padrão de autoconhecimento por parte da participante, através da oportunidade de observar e analisar criticamente o seu comportamento com a somatória verbal e com a entrevista final.

Palavras-chave: Somatória verbal; Comportamento verbal; Contexto clínico.

Abstract

The study analyzes the applicability of the verbal summator in a clinical context, by comparing the data obtained in clinical setting with the data of the verbal summator of the participant. The verbal summator consists of the arbitrary repetition of incomplete speech, composed only by vowels, the participant responds to such sounds with the strongest responses in their repertoire. By associating the application of verbal summation with a final interview with a participant, it was possible to increase the usefulness of the instrument in a clinical context. The data collected through the application of the verbal summator were not new data, as they were related to the data collected through the clinical context. However, the application can cause an increase in the standard of self-knowledge on the part of the participant, through the opportunity to observe and critically analyze their behavior with the verbal summator and the final interview.

Keywords: Verbal summator; Verbal behavior; Clinical context.

¹ Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Especialista em Terapia Analítico Comportamental pelo Instituto Goiano de Análise do Comportamento. Mestra em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: lauramekdessi@gmail.com

² Graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professor de pós-graduação em Terapia Analítico-Comportamental. E-mail: niculau@hotmail.com

Nas variadas formas de atuação do psicólogo há a necessidade da acurácia dos dados coletados e de poupar o tempo de quem utiliza o serviço psicológico. Tais formas de

coleta de dados, os instrumentos e testes psicológicos, já foram amplamente estudados pela psicometria, porém são baseados em outros tipos de teorias e filosofias, diferentes





das que embasam a Análise do Comportamento. A tradição da psicometria consiste: na definição dos construtos essenciais, na construção do instrumento e depois, o teste do instrumento em uma amostra representativa (Primi, Santos, Vendramini, Taxa, Muller, Lukjanenko & Sampaio, 2001). A análise do comportamento precisa de instrumentos variados, para observar de outras formas o comportamento do cliente.

O que baseia a coleta de dados na análise do comportamento é o fato de que a resposta ocorre em uma relação funcional com o ambiente, e ao contrário da tradição da psicometria, a topografia não é avaliada de forma independente. O analista do comportamento dispõe-se de três métodos típicos para coletar dados do comportamento: (1) métodos indiretos de coleta, no qual o comportamento estudado não é diretamente observado pelo analista do comportamento, exemplos de tais métodos podem incluir entrevistas, instrumentos e questionários; (2) métodos descritivos (naturalísticos) de coleta, onde o comportamento é diretamente observado, pode ser exemplificado com a coleta de dados feitas no ambiente natural; (3) análise funcional experimental, coleta de dados observacionais que manipula sistematicamente os antecedentes e consequentes (Hagopian, Dozier, Rooker & Jones, 2013).

A somatória verbal, proposta por Skinner (1936), pode servir como um procedimento de coleta indireta, mas não suficiente dos comportamentos do indivíduo. A inspiração da criação do teste de somatória verbal veio de instrumentos que utilizavam blocos de tintas e testes de associação livre, o Teste de Rorschach (Skinner, 1936), ela consiste na repetição arbitrária de amostras elementares dos sons da fala que utilizam o uso permutado de vogais, como “a-ân-o-a” (Shakow & Rosenzweig, 1940). O exemplo dado por Skinner (1936) foi que com a repetição da amostra das seguintes vogais

“ah-uh-uh-oo-uh” pode-se evocar a frase “stars overlooking”. De acordo com a descrição de Skinner (1978), ouvir tais amostras da somatória verbal, dá a impressão de que está escutando uma voz através de uma parede. O indivíduo, ao escutar tais sons, responde com as respostas verbais mais fortes do seu repertório, fornecendo dados qualitativos para coleta. Ao aplicar a somatória verbal, é possível acessar dados quantitativos, como no caso das repetições necessárias da amostra da fala, e do tempo que o teste é aplicado (Impellizzeri, 1970; Trussell, 1939).

Antes de dissecar a somatória verbal, há a necessidade de explicar alguns conceitos básicos que permeiam o entendimento completo de tal instrumento. Um conceito elementar é o de controle de estímulos, que ocorre quando há uma correlação adicional da resposta com a estimulação anterior, depois que há uma consequenciação, ou seja, tal relação é um produto de uma história específica de reforçamento diferencial (Catania, 1998; Sérgio, Andery, Gioia & Micheletto, 2010). Quando tal contingência de discriminação é criada, a probabilidade da ocorrência da resposta na presença do estímulo discriminativo anterior é aumentada (Skinner, 1978).

A resposta também pode ser induzida pela presença de um estímulo semelhante, e não igual, ao discriminativo. Quando esta situação ocorre, pode-se dizer que houve generalização da resposta para outros estímulos. A semelhança do estímulo pode ser tanto pelo fato das características físicas que os estímulos compartilham ou até mesmo por terem uma história de reforçamento semelhante. Quanto maior a semelhança entre os estímulos, maior a probabilidade de indução da resposta (Todorov, 1985).

As operações motivadoras são eventos ambientais que alteram o efeito do estímulo, elas tornam alguns estímulos mais ou menos importantes para o indivíduo que se comporta (Catania, 1998; Marcon &





Britto, 2011), e afetam o comportamento de duas maneiras: altera a efetividade das consequências e altera a frequência da classe de resposta que produz tais consequências (Borges & Cassas, 2012). Um exemplo de como a operação motivadora ocorre é quando se coloca um indivíduo em um estado extremo de privação de água, essa situação altera a efetividade da água como reforçador, deixando-o muito efetivo como controlador de comportamento e altera a frequência das classes de resposta envolvidas na produção da consequência água (Skinner, 1979). Na ausência de estados de privação, os estímulos discriminativos perdem seu controle sobre a resposta que produz as consequências relacionadas ao estado de privação (Todorov, 1985). Pode-se dividir as operações motivadoras em duas possibilidades: (1) operações estabelecedoras, que aumentam a efetividade do reforçador ou diminuem a efetividade da punição, fazendo com que a resposta se torne mais provável; (2) operações abolidoras, que diminuem a efetividade do estímulo reforçador e que aumentam a eficácia do punidor, diminuindo a probabilidade da resposta.

Um conceito importante para a somatória verbal é o próprio comportamento verbal, cuja definição é: um comportamento operante que tem o reforçador mediado por outras pessoas (Skinner, 1978), sendo que o falante e o ouvinte podem ser a mesma pessoa (Simonassi & Cameschi, 2003). O comportamento verbal não atua diretamente no ambiente físico, ele precisa do mundo humano para ser selecionado (Glenn, 1991). O comportamento verbal pode ser um comportamento social, ou seja, é um comportamento que envolve duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em relação a um ambiente comum (Skinner, 1979).

De acordo com Skinner (1978) a “força” do comportamento verbal refere-se a à probabilidade de emissão de um operante verbal. Tal característica de força se

relaciona à a vários tipos de evidência: (1) a emissão de uma resposta é um sinal de força, e quando ocorre em momentos incomuns, a força da resposta fica mais evidenciada, um exemplo é o caso de um professor falar extensamente sobre sua vida pessoal em um contexto acadêmico, pode-se ver que falar sobre si mesmo é um operante forte, pois ocorre em uma situação que tipicamente não controla aquele tipo de resposta; (2) o nível de energia na qual uma resposta é emitida fornece uma evidência de sua força, sugere uma forte tendência em responder, como demonstra à situação em que um irmão fala “SAIA DO MEU QUARTO” para seu irmão enxerido; (3) a velocidade também fornece informações sobre a fala, tanto na velocidade em que uma resposta aparece depois de uma oportunidade de emissão, quanto na velocidade da fala em si (nas respostas sucessivas), no modo geral, uma resposta rápida é forte e uma resposta emitida com hesitação é fraca; (4) uma outra evidência de força é a repetição imediata de uma dada resposta, em uma briga de casal, por exemplo, uma das partes pode falar —“não quero falar sobre isso agora, não quero!”—, demonstrando a força do “não” naquela dada situação e o fato de que “falar sobre isso” é um evento aversivo para tal parte. As características da fala que indicam força podem se combinar, criando formas diferentes de comportamentos (Skinner, 1978).

O operante verbal que mais relaciona com a somatória verbal é o ecóico (Skinner, 1978), no qual um estímulo verbal auditivo controla a resposta verbal vocal. A característica de tal operante verbal é a correspondência formal com o estímulo que antecede a fala, um exemplo de ecóico é quando os alunos de uma aula de inglês repetem a fala da professora: —“The flower is red”— (professora), — “The flower is red”— (alunos). Em situações na qual um estímulo não está claro, ele pode evocar uma resposta que não tem uma semelhança formal





perfeita. A fraqueza do estímulo é emparelhada pela força de outra fonte, ou seja, tal resposta tem outras variáveis suplementares de força, podendo às vezes ser possível identificar as variáveis controladoras com o próprio conteúdo da fala, esta situação pode ser vista quando em uma festa uma pessoa tímida acha que as pessoas estão falando mal dela, ao ouvir sons semelhantes com o seu nome. Na somatória verbal outro tipo de operante verbal pode ser encontrado: o intraverbal. A resposta do intraverbal também é controlada por um estímulo antecedente verbal, mas sua diferença é não ter correspondência formal da resposta com o estímulo. Um exemplo de tal resposta pode ser encontrado na mesma aula de inglês: a professora pergunta aos seus alunos — “Como se fala gato em inglês?” —, e seus alunos respondem — “CAT”.

A somatória verbal é baseada em dois princípios do comportamento: 1) que o ser humano é muito sensível a à imitação, isto faz com que alguns estímulos evoquem respostas com formas similares; 2) o princípio da soma, no qual duas respostas que se agregam, evocam a emissão de uma nova resposta, o mesmo princípio que oferece a explicação do efeito de estímulos subliminares, duas respostas com a mesma forma se somam e, portanto, o produto final é emitido. A ação da somatória verbal é evocar respostas verbais latentes através da amostra segmentadas da fala, podendo-se medir a força e a importância relativa das respostas verbais (Rutherford, 2003; Impellizzeri, 1970; Shakow & Rosenzweig, 1940, Skinner, 1936; Trussell, 1939). Para o contexto clínico, a força de uma resposta pode revelar fontes de controle do comportamento e históricos de reforçamento, pois a resposta que é emitida através da aplicação do teste, é aquela com mais força no repertório verbal do indivíduo que se comporta.

O experimento realizado por Impellizzeri (1970) tinha como objetivo

comparar as diferenças estilísticas das respostas à somatória verbal entre alunos que cursavam o curso superior de línguas estrangeiras (foreign language) com outros que cursavam cursos diferentes: inglês, matemática e ciências sociais. Sua hipótese era que a experiência verbal e antecedentes estruturais prévios, que dizem respeito ao conhecimento da estrutura da língua falada, influenciavam no estilo da emissão verbal. Utilizou-se trinta amostras de áudios caracterizados pela presença de vogais, de ritmo e entonação semelhantes à fala. O áudio era emitido em um volume baixo em uma sala silenciosa, o experimentador pedia ao participante para emitir a frase que ele achou que tinha escutado. A frase emitida e a quantidade de repetições necessárias eram registradas em uma folha de papel. De acordo com os resultados, estudantes do curso de línguas estrangeiras respondiam mais rapidamente aos estímulos das amostras verbais que os estudantes de outros cursos. Os estudantes de inglês foram capazes de criar mais frases com significados dos que os de outros cursos. O melhor desempenho de alunos dos cursos de língua estrangeira e de inglês demonstra que a experiência passada com o comportamento verbal afeta na maneira de responder à somatória verbal. O estudo citado é um dos poucos realizados sobre a aplicação da somatória verbal, ele concede um modelo de aplicação e análise de dados da somatória verbal para o presente estudo, porém o estudo de Impellizzeri não implica em uma relevância de ordem diagnóstica no contexto clínico, um ponto que será investigado no presente trabalho e que não é bem explorado na literatura.

De acordo com Rutherford (2003) no final da década de 1950, o uso da somatória verbal desapareceu da literatura, ele não teve um impacto durador na aplicação dos testes de personalidade. De acordo com o autor a queda do uso de tal teste se deu pelo fato de que o teste não apresentava um resultado de padrões de respostas diferentes para grupos





diferentes, não apresentava um resultado tão complexo e rico como com a aplicação do teste de Rorschach e nunca teve um estudo de validação ou de padronização em uma grande escala.

Como a somatória verbal é um tema pouco explorado pelos analistas do comportamento, ainda não tem o seu verdadeiro potencial de aplicação como um instrumento. Há a necessidade de iluminar a escuridão de desconhecimento que envolve o teste, sendo que para iluminar, é preciso estudar. O objetivo do presente estudo é explorar a aplicação da somatória verbal em um contexto clínico, e comparar os dados obtidos pelo instrumento com os obtidos na prática clínica.

Método

O presente trabalho pode ser caracterizado como um micro estudo, pois teve uma aplicação rápida em um contexto terapêutico prévio. Então a participante também é nomeada como cliente, e a pesquisadora do presente estudo também é nomeada como terapeuta.

Participantes

Participou do estudo a cliente D.do sexo feminino, que tem vinte anos de idade e cursa o ensino superior de Engenharia Civil. Ela buscou a terapia com o objetivo de auxílio com as sensações aversivas de ansiedade sentidas no contexto acadêmico. Os atendimentos foram realizados em uma instituição de saúde.

Queixas Iniciais

No início dos atendimentos terapêuticos a participante ficava sob controle dos seus comportamentos privados:(1) tanto o comportamento verbal, como quando pensamentos obsessivos atrapalhavam a participante nos momentos de lazer, durante a realização de atividades acadêmicas, na interação com os pais e na

interação com o namorado, exemplos de comportamento verbal privado; —“você tem que terminar este trabalho” —; — “esse trabalho está horrível” —, —“ele (o namorado) não gosta de mim” —, —“tenho que ser uma namorada melhor” —, —“não vou conseguir arranjar estágio para a faculdade” —, —“eu sou uma péssima aluna” —; (2) quanto às próprias reações fisiológicas, o fato de se incomodar com a aceleração exacerbada de seu coração e de incômodos gastrointestinais. Na presença de tais comportamentos privados, ela geralmente chorava ou não conseguia fazer a atividade que ela tinha se proposto a fazer.

As descrições emitidas no início dos atendimentos não eram descritoras efetivas dos eventos ambientais externos, D. fazia uma descrição não correspondente com o seu ambiente e com situações prévias;—“não sei mais o que faço com meu trabalho escrito ele ficou ruim, fiquei com vergonha de entregar para o professor” — (logo após ela ganhava nota máxima); —“eu apresentei muito mal um trabalho”— (depois o professor e seus amigos elogiaram a apresentação do trabalho); quando conheceu o namorado ela falava que tinha certeza de que ele não gostava dela, mesmo com diversas situações que demonstravam o contrário, tais descrições estavam sob controle dos eventos privados aversivos. Tinha um padrão comportamental caracterizado pelo “perfeccionismo”: queria ser a melhor na faculdade, no trabalho e nos relacionamentos afetivos. A participante sempre tentava se mostrar a melhor para os seus superiores (professores, pais), ao estudar todos os dias, nunca faltar aula mesmo quando estava doente, a dar atenção para os pais mesmo quando queria descansar. Antecipava uma punição que às vezes era inexistente, como quando achou que ia zerar uma prova, e tirou nota boa. Relatava um intenso medo de situações das quais ela não tinha controle (saúde da própria mãe, um menino não gostar dela). Na Tabela 1, há a descrição de





comportamentos verbais frequentes no começo dos atendimentos psicológicos.

Tabela 1 - Falas recorrentes emitidas pela cliente no começo dos atendimentos.

Contexto das Falas	Exemplo das Falas
Fala sobre situação acadêmica	“Eu sempre faço o trabalho da faculdade sozinha, quando faço isto eu aprendo mais”
Fala sobre suas reações fisiológicas (coração acelerado, ânsia de vômito)	“Quando eu sinto isto eu tenho certeza que eu sou doida, não consigo fazer mais nada, a não ser chorar”.
Fala sobre a relação com a sua mãe (falando sobre o por que sempre dá atenção para mãe, mesmo quando não quer)	“Minha mãe é muito ciumenta e carente, e tudo recai sobre mim, pois minha irmã não dá tanta atenção para ela, e às vezes até briga com a minha mãe. Eu não devo desrespeitar a minha mãe, devo ser uma boa filha”

Evolução Clínica

Os resultados clínicos estão descritos no método. Ele não é o interesse do presente estudo; tem a função de descrever o caso para que o leitor entenda os resultados da somatória verbal.

Com o decorrer dos atendimentos a cliente relatou que aprendeu a organizar melhor seus pensamentos, e a responder melhor às situações que previamente eliciavam respondentes aversivos: aprendeu a apresentar melhor os trabalhos, aprendeu como escrever melhor os trabalhos exigidos pelos professores. Ela aprendeu que deve respeitar o seu corpo.

Os sentimentos de ansiedade ainda são presentes em situações que envolvem um “superior”, principalmente com a sua mãe, mas com uma intensidade menor, pois agora ela aprendeu que não tem problema em

respeitar seus limites. Ela está mais envolvida em atividades que faz bem para o próprio corpo: faz academia todos os dias; conversa com os amigos; assiste filme sem o sentimento aversivo de culpa.

Instrumentos e Materiais

Utilizou-se um computador com caixas de som, um áudio de somatória verbal que foi encontrado no site da B. F. Skinner Foundation (2018). Eles consistem de falas sem significados, caracterizados pela presença de vogais alocadas para criar sons de falas semelhantes às normais.

Procedimentos

A seleção da participante foi realizada a partir do contato presencial da terapeuta com a sua cliente. Foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, onde foi descrito que o experimento iria utilizar algumas informações quanto ao processo terapêutico e que a identidade da participante seria mantida em sigilo.

Realizou-se a coleta no Instituto do Aparelho Digestivo em uma sala utilizada para atendimentos psicológicos. A sala fora reconfigurada para que a participante não sentasse na frente da terapeuta e do computador.

A sessão de coleta começou com a seguinte instrução da pesquisadora para a participante: “Este é um estudo sobre a clareza da fala. Eu vou colocar várias amostras curtas no meu computador e pedir para você identificar tais falas. Não invente algo para aproximar da amostra. Ouça com atenção, e espere até que a frase apareça em sua cabeça, assim que aparecer, você poderá falar em voz alta. Se não entender a fala de primeira, não se preocupe. Vai vir com o tempo. Não se surpreenda se o que você pensou não combine perfeitamente com a amostra, pois elas foram deliberadamente distorcidas. Não fique surpresa se as amostras são fragmentárias ou absurdas.





Repetindo: a partir do momento que qualquer coisa com significado aparecer em sua cabeça, fale imediatamente. Não espere checar com a amostra. O que você entender errado ou de maneira incompleta é tão válido para o experimento quanto o que você acerta. O sucesso deste estudo vai depender na sua habilidade de observar a sua própria mente em trabalho e para detectar a aparência de uma frase mesmo que tenha sido rápida ou difícil de escutar. Tem alguma pergunta quanto a tarefa? Está preparada para começar? ”. A fala instrução citada foi inspirada pelo estudo de somatória verbal de Skinner (1936).

Após a retirada de dúvidas quanto a à tarefa e a confirmação da participante, iniciou-se o áudio de somatória verbal. O áudio tem quatro minutos de duração, e contém quarenta amostras de fala, que são delimitadas por intervalos. A pesquisadora teve a tarefa de: instruir a participante; repetir a amostra designada, a amostra era repetida até a participante emitir uma frase correspondente ao exemplo da somatória verbal; anotar a frase emitida pela participante; anotar a quantidade de vezes que foi preciso repetir a amostra.

Após o término da coleta, a experimentadora explicou os verdadeiros objetivos do experimento. As duas integrantes do estudo, a pesquisadora e a participante, analisaram juntas o conteúdo qualitativo dos dados do experimento. A pesquisadora mostrava uma frase e perguntava para a participante “sabendo de sua história de vida, e sobre o seu contexto, o que você acha que ocasionou essa fala?”. A pesquisadora e a cliente foram investigando cada frase emitida, e davam mais atenção para as frases que foram repetidas. Posteriormente a cliente forneceu dados sobre seu próprio comportamento privado e sobre sua experiência ao ser submetida ao instrumento.

Resultados e Discussão

Análise do Conteúdo Quantitativo:

A aplicação da somatória verbal levou 30 minutos para ser concluída. As seguintes frases foram emitidas pela participante nas 40 amostras da somatória verbal, elas estão organizadas em ordem, e com o número de repetições da amostra entre parênteses:

*Como vai você (3)*Você ameixa (2)*A roupa larga (5)*Passei aí cacau (5)*Ele é tantã (3)*É água(3)*Você é ameixa (1)*Café roupa (2)*Só falta fei (feio)(7)*Sai da igreja cão (4)*cerra cerra (2)*Cacau ai cacau (3)*Eu vou a pé (1)*A roupa é velha (1)*Meiga (3)*Vai onde eu vou (2)*Você tá meiga (2)*É aula vovó (2)*Macaco de roupa (2)*A roupa meiga (1)*Você é minha fã (1)*Tem roupa lá fora (1)*Cabou o caqui (acabou)(2)*A roupa lá fora (1)*Fez solta pipa (2)*A testa vei (veio)(1)*Ir lá para lavar (4)*Traz café unh unh (de não)(2)*Falta falta prova (3)*Casa para lavar (2)*Eu não sei ir lá (2)*É só totó(1)*Roupa café (1)*Essa sala é (1)*É fei rapaz (feio)(1)*Pisa na pia (1)*A casa meiga (1)*Ela é larga (3)Aqui voou (1)*Ela é de lá (1)*

Pode-se observar que no começo da aplicação da somatória verbal teve-se mais repetições da amostra do que no final da aplicação, sendo que nas primeiras 20 amostras foram necessárias 54 repetições e as últimas 20 amostras houve 32 repetições no total. Essas diferenças na repetição podem ser explicadas pelo fato de que no começo a participante estava aprendendo a fazer a tarefa requisitada e depois, por meio do contato direto com as contingências, adquiriu mais fluência para responder aos estímulos. Os sons fragmentados da fala começaram a exercer um controle discriminativo maior das respostas da cliente. O responder tornou-se mais forte. A conclusão da tarefa era extremamente reforçadora para cliente,





sendo que quando emitia uma resposta rápida, ela comemorava e falava: —“estou ficando boa nisto”—.

Nas primeiras amostras verbais pode-se observar o comportamento ecoico de toda a frase do áudio por parte da cliente, ela emitia respostas compostas das mesmas vogais e do mesmo ritmo da fala do homem do áudio. Ao acontecer isso, a experimentadora falava: “Pode ficar tranquila, logo você vai ouvir uma frase que faça sentido”, por meio desta correção ela emitia uma frase semelhante à amostra e que fazia sentido.

O total de palavras emitidas foi de 124, sendo que 68 palavras diferentes foram utilizadas, ou seja, 45,2% do repertório verbal emitido foi composto de palavras repetidas. As seguintes 24 palavras foram repetidas duas ou mais vezes: vai, você, ameixa, a, roupa, aí, cacau, é, café, só, falta, fei, cerra, eu, vou, meiga, de, lá, fora, ir, para, lavar, casa, ela.

Tabela 2 - A frequência correspondente às palavras mais repetidas.

Palavras	Frequência
ROUPA	8 vezes
VOCÊ	5 vezes
LÁ	5 vezes
MEIGA	4 vezes

Análise do Conteúdo Qualitativo:

As palavras “roupa” e “meiga” são as únicas da Tabela 2 que foram submetidas à análise da participante quanto ao seu próprio comportamento verbal, por opção da participante. Essas palavras tiveram uma maior força no repertório da participante, com base em sua repetição. De acordo com a interpretação posterior da participante, a emissão da palavra “roupa” estava

relacionada com o fato de que tinha que arrumar o seu guarda-roupa assim que chegasse em casa. A participante relatou que sempre realiza os trabalhos da casa com muita qualidade e no tempo ideal, e de acordo com a mesma “Se ver que algo está sujo, já lavo”, o que explica também a aparição de outras palavras correspondentes com cuidados de casa: água, lavar, casa, pia.

A força da palavra “meiga” no repertório foi interpretado pela própria cliente por causa do fato de que ela sempre tenta ser a melhor em todas as relações que compartilha com as outras pessoas: ela não consegue falar “não” para meninos interessados, sempre agindo como meiga e não respeitando seus próprios limites: Não queria brigar com o ex-namorado, por que não queria ser rude; ela sempre dá atenção à família, mesmo quando está cansada e quer ficar sozinha; sempre age da melhor forma possível no trabalho e na faculdade, para impressionar os professores e chefes.

A participante relatou que a forma que realizou o teste de somatória verbal ajudou a perceber o quanto era perfeccionista, pois ao escutar as palavras ela queria acertar ao máximo na correspondência do que ela escutava para o que estava sendo dito por isso, ela pedia para repetir o áudio mesmo depois que tinha pensado em uma frase parecida com a amostra. Ela relatou que só emitia a resposta verbal vocal depois que tinha certeza que estava certa.

O objetivo do trabalho foi explorar a aplicação da somatória verbal em um contexto clínico, e comparar os dados obtidos pelo instrumento com os obtidos na prática clínica. O presente estudo apresentou os dados quantitativos e qualitativos coletados do instrumento de somatória verbal, comparando-os com os dados obtidos pelo processo terapêutico e com dados adicionais adquiridos pela entrevista com a participante. O instrumento utilizado forneceu a oportunidade de uma coleta de dados de uma forma diferente, sendo que a própria



realização da tarefa foi reforçadora para a participante, ela descreveu no final da aplicação que gostou de participar do estudo, favorecendo a coleta de dados de comportamento indireta na prática clínica (Hagopian et al, 2013).

Alguns dados coletados, analisados qualitativamente, podem ser considerados operantes verbais fortes no repertório da própria cliente: situações do seu cotidiano e de seus padrões comportamentais. A força do comportamento verbal foi baseada na repetição e na velocidade nas quais tais respostas foram emitidas (Skinner, 1978). A experimentadora só descobriu quais eram as variáveis suplementares de força pela entrevista posterior com a participante e pelo fato que já conhecia a história de vida da mesma, corroborando com a função da aplicação de somatória verbal discutida por Skinner (1936), um exemplo da variável suplementar era o fato frequentemente arrumar o guarda-roupa, ou lavar as roupas.

Os dados quantitativos e os dados do próprio relato da experiência da participante, fornecem uma possibilidade de junção ao serem analisados: a presença maior de repetições no início da sessão; o fato que a aplicação de um áudio de 4 minutos de duração durou 30 minutos para ser aplicado; os tectos do comportamento privado da participante. Tais dados dizem respeito ao padrão de comportamento “perfeccionista”, visto na maior parte do repertório da cliente. “Perfeccionista” diz respeito ao modo com que a participante se comporta: julgando e comparando seu próprio comportamento; gasto de energia grande em muitas atividades; atenção às consequências; atenção demasiada à topografia do seu comportamento; atenção à imagem que os outros têm dela.

A presença dos dados citados acima confirma que a fala incompleta e arbitrária evocam comportamentos fortes no repertório de quem escuta (Impellizzeri, 1970; Skinner, 1936; Trussell, 1939). Os dados quantitativos

também oferecem informações importantes sobre o repertório comportamental da participante.

Considerações Finais

O diferencial do estudo realizado foi a entrevista realizada com a participante, pois a partir deste procedimento, pode-se fornecer uma possibilidade de discriminação dos padrões comportamentais da participante feito pela própria participante, sem a necessidade do terapeuta evidenciar com a própria fala. A participante falou: —“Agora percebo o quanto sou perfeccionista, queria muito acertar todas as falas”—. A partir deste experimento pode-se ver um uso inusitado para o instrumento: a possibilidade de evocar autoconhecimento no comportamento verbal da participante. Os resultados da aplicação do teste de somatória verbal não forneceram informações novas para o conhecimento dos padrões comportamentais da participante, pode-se observar que sua aplicação ocasionou o ganho clínico de autoconhecimento. A participante entrou em contato com a realização da tarefa, portanto com a aplicação, ela teve a oportunidade de questionar sobre quais foram as causas da emissão dos comportamentos na entrevista posterior.

Recomenda-se estudos adicionais sobre o tema de somatória verbal, pois mesmo sendo interessante, há carência de estudos similares sobre a sua aplicabilidade. Sugere-se estudos relacionados com a aplicação na prática clínica, ao aplicar o teste em conjunto com a entrevista interpretativa. Ampliar os campos da utilização de tal instrumento só enriquecem a análise do comportamento. É de substantiva importância agregar ao procedimento de aplicação da somatória verbal a entrevista com o participante que foi submetido ao teste, pois oferece oportunidades de interpretação qualitativa dos dados, além de benefícios para a qualidade de vida do participante, como o autoconhecimento.





Referências

- B. F. Skinner Foundation, Verbal Summator Files (Skinner's audio projective test). *B. F. Skinner Foundation*. Retirado em 1 de fevereiro de 2018, do site <https://www.bfskinner.org/verbal-summator-files/>
- Borges, N. B., Cassas, F. A., et al. (2012). *Clínica Analítico-comportamental*. Porto Alegre: Artmed
- Catania, A. C. (4ª ed). (1998). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Artmed
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and Metacontingencies: Relations Among Behavioral, Cultural and Biological Evolution. Em P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral Analysis of Societies and Cultural practices* (pp. 39-73). Washington, DC: Hemisphere Publishing.
- Hagopian, L. P., Dozier, C. L., Rooker, G. W., Jones, B. A. (2013). Assessment and treatment of severe problem behavior. Em G. J. Madden, Dube, T. D. Hackenberg, G. P Hanley, K. A. Lattal (Ed.), *Handbook of Behavior Analysis* (Vol. 2, pp. 353-386). Washington: APA Handbook in Psychology.
- Marcon, R. M. & Britto, I. A. G. S. (2011). Operações Motivadoras e Atenção Social: Eventos relevantes para comportamentos-problema de esquizofrênicos. *Revista Perspectivas*, 2, 192-202.
- Primi, R, Santos, A. A. A., Vendramini, C. M, Taxa, F., Muller, F. A., Lukjanenko, M. F., et al. (2001). Competências e Habilidades Cognitivas: Diferentes Definições dos Mesmos Construtos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (2), 152-159.
- Rutherford, A. (2003). B. F. Skinner and the Auditory Inkblot: The Rise and Fall of the Verbal Summator as a Projective Technique. *History of Psychology*, 6, 362-378. doi:10.1037/1093-4510.6.4.362
- Sério, T. M., Andery, M. A., Gioia, P. S., Micheletto, N (3ª ed) (2010) *Controle de Estímulos e Comportamento Operante: uma (Nova) Introdução*. São Paulo: EDUC.
- Shakow, D., Rosenzweig, S. (1940). Use of the Tautophone ("Verbal Summator") as an Auditory Apperceptive Test for the Study of Personality. *Character and Personality*, 8, 216-226
- Simonassi, L. E., Cameschi, C. E. (2003). O Episódio Verbal e a Análise de Comportamentos Verbais Privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5 (2), 105-119.
- Skinner, B. F. (1936). The Verbal Summator and a Method for the Study of Latent Speech. *The Journal of Psychology*, 2, 71-107.
- Skinner, B. F. (1978). *O Comportamento Verbal*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Skinner, B. F. (11ª ed). (1979). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Impellizzeri, I. (1970).The use of Verbal Summator Thechnique with Language and Nonlanguage Majors in College. *The Journal of General Psychology*, 83, 143-149.
- Todorov, J. C. (1985). O Conceito de Tríplice Contingência na Análise do Comportamento. *Psicologia, Teoria e pesquisa*, 1, 78-88
- Trussell, M. A (1939). The Diagnostic Value of the Verbal Summator. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 34, 533-538.